

# A Fraternidade

ORGÃO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

Quinzenario independente

DIRECTOR,  
JOAO DE SOUSA \*

SECRETARIO DA REDACÇÃO,  
FRANCISCO GUIMARAES \*

ADMINISTRADOR,  
JOSÉ CARVALHO

Assignaturas (Pagamento adiantado)  
Portugal, um anno 600 rs.—Semestre 300 rs.  
Brasil (moeda forte) 1\$200 »

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA BARJONA DE FREITAS, 38-2.º  
Officina de impressão: Typ. «Minerva»—Famalicão

Annuncios (Preços convencionaes)  
Não se publicam escriptos que tentem ferir  
qualquer individualidade  
EDITOR, FERNANDO MONTEIRO

## Emancipar caixeiros

Eis toda a essencia de uma causa que advogamos com acrisolado amor e com devotada dedicação.

Emancipar caixeiros, lutando pela implantação da sua liberdade e pela demolição d'esse costume antigo que avassala e escravisa o trabalhador do balcão, é todo o fim d'essa batalha pertinaz que se encetou ha longos annos e que alguns resultados nos tem dado; pois que, quanto mais não seja, tem-se conseguido o reconhecimento da justiça que nos segue.

Mas isto não basta. A emancipação do caixeirato portuguez, a garantia dos seus direitos individuaes e o reconhecimento da sua liberdade como a de qualquer outro cidadão, reclamam-se exigem-se, para que sejam um facto.

Não estamos em tempo de escravisar. Este tempo que decorre é de liberdade. A liberdade ha-de ser, por isso, um facto.

O proprio progresso faz caducar atrasos de consciencia e de pensar. O proprio progresso ha-de encarregar-se de transformar o estado da actual sociedade. Há-de fazer desaparecer o egoismo e ha-de tambem fazer desaparecer «o querer do capitalista».

Nós continuamos lutando pela conquista de tudo quanto seja em proveito da liberdade, porque a liberdade dos nossos companheiros de trabalho de todo o paiz, interessa-nos tanto como se ella fôsse só nossa!

E precisando a nossa grande classe de emancipação e de liberdade regulada por lei, —porque não havemos de procurar essa conquista, pela força, se preciso fôr?

Que obstaculos se apresentam a fazer tropeçar-nos?

Que qualidade d'escolhos temos a vencer?

E' o patrão renitente o nosso maior obstaculo? E' elle o tropeço e é o escolho que se nos apresenta mais custoso de vencer?—Não!

Em primeiro lugar temos de vencer a classe:—vencel-a, fazendo-a unida, vencendo-a, fazendo-a um bloco resistente a todos os embates; vencendo-a, tornando-a consciente; vencendo-a, illustrando-a; vencendo-a, fazendo-lhe quebrar os ruins costumes de—entre caixeiros—haver discordias: porque os caixeiros são uma familia e essa familia deve amar-se; e—vencendo-a—formando a Federação Nacional dos Caixeiros Portuguezes!

Eis aqui as primeiras conquistas que temos a fazer!

A Federação Nacional dos Caixeiros Portuguezes, ha-de ser o nosso bloco— porque ella é a classe inteira, é ella a classe unida, é ella a força congraçada de todos quantos hoje são explorados e tratados por muitos *senhores* como—escravos!

A primeira conquista é a formação da Federaçã! Trabalhem, pois, todos, por fazer essa conquista. E façamos assim de principio, a conquista dos nossos direitos.

\*  
\*  
\*

Outra causa importantissima tem dificultado a emancipação da nossa classe. Qual é ella?

—E' a enorme quantidade de aprendizes que constantemente dão entrada no balcão.

Aqui um mal—mas um mal que devemos vencer, tambem em primeiro lugar, com a criação das Bolsas de Trabalho.

Precisamos de reclamar do governo a criação das Bolsas de Trabalho, a cria-

ção de Tribunaes d'Arbitros Avindoros, estes para resolver pleitos entre caixeiros e patrões.

Trabalhem, pois, todos, pela criação:

*Da Federação dos Caixeiros; das Bolsas de Trabalho; e dos Tribunaes de Arbitros Avindores.*

## Notas Ligeiras

### Erratas

Foram tantas e tão variadas nas nossas ultimas *Notas* que para as corrigir só republicando o artigo o que não vale a pena.

Deixo á intelligencia do leitor fazer as necessarias corrigendas e peço aos senhores typographos se dispensem de collaborar por sua conta e risco cá na secção. Requeiram se quizerem ao patriarcha João de Souza que elle não põe certamente duvida em lhes ceder um pouco de espaço para vossas senhorias darem largas á sua escrevinhação.

## Descanço por lei

«Vão entrar n'uma nava phase os trabalhos para se conseguir a tão almejada lei sobre o Descanço semanal obrigatorio.

A grande commissão do Descanço resolveu em sua ultima reunião que a União dos Empregados de Commercio do Porto representasse ao Governo, representação essa que depois d'approvada pelas collectividades que formam a grande commissão, será assignada por todas ellas, reforçando assim o pedido e desejos da União.

Mais ficou resolvido que uma deputação delegada da grande commissão vá a Lisboa fazer a sua entrega e vinte junto do snr. presidente do concelho para que no proximo discurso da corôa inclua a promessa do promulgar a lei do descanso.

Tenho dado seguros para afirmar que o governo do snr. João Franco attenderá ás reclamações dos caixeiros se conseguir sustentar-se no poder até depois das eleições. Mas, como somos uns verdadeiros caiporas com esta malfadada questão pôde muito bem ser que o actual governo vá a terra e venha outra que se faça echo das nossas pretensões.

A nossa causa tem no franquismo verdadeiros amigos. Para não ir mais longe, citar-lhes-hei

no Porto o sr. José da Silva Reis, digno delegado do Atheneu á grande commissão e socio de merito da União e o snr. José Machado Pinto Saraiva, tambem socio de merito da União.

Em Lisboa temos e entre outros vultos de destaque no partido do snr. João Franco, os srs. Dr. Carlos Lopes de Mello e Souza, ambos marechaes do franquismo. Affirmo-lhes porque o sei de boa fonte, que o snr. Dr. Carlos Lopes tem a melhor vontade em servir a nossa causa e tomará mesmo a iniciativa de de apresentar ao parlamento um projecto de lei que não será contrariado pelo governo.

Quanto ao austero commerciante snr. Mello e Souza, conservo bem nitidas as palavras que lhe ouvi no Congresso de Lisboa e não se apagou ainda do meu espirito a gratissima impressão que ellas me causaram, tal o cunho de sinceridade de que estavam revestidas.

Lemos n'elle um amigo de valor que, com a sua alta competencia de commerciante illustre, saberá resolver as difficuldades que por ventura possam surgir para entrar a marcha á nossa suprema aspiração.

E por hoje, ponto.

Que estes pobres iinguados cheguem ao seu destino sem o mau olhado dos correios e que a alma de Guttemberg inspire de typographos na sua composição. Amen.

Arthur.

### Brevemente

#### «A Fraternidade»

Publicação trimensal. Secções de critica, de propaganda e de moralisação social. Revista trimensal dos acontecimentos mais palpitantes da classe. Collaboração escolhida. Orientação intransigente.

Este jornal, que a partir do proximo numero vae traçar um caminho de nova orientação que vae tomar uma propaganda audaciosa e energica das causas que possam interessar a enorme classe do caixeirato portuguez, precisa que todos os membros d'essa classe concorram para a sua vida. E como uma necessidade se impõe a todos, solicita «A Fraternidade», de todos os seus assignantes, correspondentes, collaborados e amigos, a maxima propaganda e o maximo auxilio em proveito da sua existencia.

## Tribuna dos operarios

## Reivindicação do direito

Demonstramos no nosso ultimo artigo que—o operario não pôde sustentar excessos do trabalho.

E não! O operario não é uma machina de duração indefinida. nem de duração indefinida é o mestre ou o patrão, porque a sua vida ha-de tambem terminar um dia, como a nossa, e, n'esses momento em que sentir-mos approximar-se a hora em que terminam todos os sacrificios e todos momentos de desconsolo para a vida, todos recordarão as injustiças e os males que se praticam. E quão triste e quão negro será o quadro que n'esse momento nos apparecerá deante da vista quasi perturbada, apresentando-nos as injustiças que fizemos, os momentos de sofrimento que fizemos vibrar ao nosso semelhante!

Deante do mestre e do patrão, apparecerá o quadro bem triste das dôres que fez soffrer.

Deante do operario moribundo, o quadro será outro!—outro quadro ainda mais triste:

Ao seu lado, os filhos e a esposa.

Mais ao lado, a figura do patrão ou do mestre que lhe arrancou a ultima gotta do seu sangue!

Prevê a fome para a sua esposa e para os seus filhos!

Depois, abrindo os olhos lagrimejando, voltar-se-ha para a mulher e para os filhos que leva atravessados no coração, e exclamará:—Resignai-vos!...

Resae por mim! Amae o vosso semelhante e resae por mim!

E pronunciadas pouco mais ou menos estas palavras e avistados quadros ainda mais tristes, que veremos depois?

A viuva, com filhos, na miseria! Os filhos pedem pão mas a mãe, chorando diz-lhe que não tem pão!

Tristeza!

O operario pede melhoraria de situação:—pede repouso de algumas horas ou pede augmento de salario. O patrão ou o mestre, com que senhores da faca e do queijo, negam-se tenazmente a conceder o que elle pede—muitas vezes chorando. Mas nega e pelo quê?—Porque tem dinheiro e não sabe o que é a fome! Por que tem dinheiro e não sabe o que é o trabalho! Porque tem dinheiro e nunca se sentiu soffrer!

E o operario pede, exige,—mas exige um direito:—e o patrão ou o mestre nega—mas nega o que a humanidade lhe não nega!

Esther.

## Grupo Gil Vicente

A manhã, 1 de julho, teremos no nosso theatro um atrahente espectáculo promovido pelo Grupo Gil Vicente, de que fazem parte disinctos amadores do nosso meio.

Vae á scena a comedia em 3 actos, *Educações Modernas* e a opereta em um acto—*Remo da Bólha*.

E' d'esperar uma casa cheia.

## Ruidos do Lima

Ao traçar estas despretençiosas linhas, rude e obscuramente escriptas, uma dôr pungente e lacrimosa chega por momentos a asphixiar-me.

Essa dôr que dia a dia vai corroendo o meu pobre e dilacerado coração e que, por diversas vezes, me faz cahir n'uma meditação profunda arraigada de toda a crença commum e imaginaria, não posso, ainda que muito o desejasse, occultal-a no intimo da minh'alma.

Preciso dar-lhe expansão.

Fazel-a chegar áquelles que talvez me considera n esquecido e que em meu espirito sempre prevalecem.

Estou por mim atravessando um enfraquecimento d'ideias; nada me surge; apenas se me apresenta diante da vista sempre que do meu torrão natal me lembro, um grupo de amigos e collegas que alli muito me estimavam.

Tremoço vacillo, parece que em meu peito um punhal tenho cravado, uma balla me fulmina, um veneno me vai cortando a vida.

Todas as imaginações e pensamentos se fixam n'um só ponto.

E' que... ainda ha bem pouco tempo, no seio dos meus amigos, junto do lar paterno e da terra que me serviu de berço, me encontrava e... já hoje não reina em mim a jovialidade espirital costumada, aquella vida d'encantos e sorrisos e as phrases cheias de vigor e entusiasmo dos meus involvidaveis confrades.

Parece que acabo de despertar d'um sonho d'illusões e phantasias!

Não tenho um só momento para consolação das minhas maguas.

Armindo Fernandes, esse espirito emprehendedor onde gira o luso sangue da juventude. alma benigna e lectifica que, com as suas doces palavras cheias de uma expansão nobre e sentimental, tem conquistado innumeradas sympathias; esse a quem a minha pessoa nunca poderá olvidar, lá ficou... ssm que agora as nossas palavras de amigos intimos, possam chegar de um extremo ao outro.

José de Brito e Costa, Antonio da Costa Testa e Joaquim da Cunha Lima, quasi todos iguaes em circunstancias e possuidores da mesma força intellectual, meus muito affectuosos amigos, rapazes de um coração nobre e energico em quem tinha a mais plena confiança, lá ficaram tambem sem que agora as suas conversas sejam por mim apreciadas.

José Bernardino Vieira da Silva e Arnaldo Mario Lourenço, esses vultos corajosos para quem não ha difficuldades, esses espiritos sensatos e prudentes que para mim é completamente impossivel desprever-lhes os traços do

caracter as benevolencias sentimentaes das suas almas a boa comprehensão dos seus deveres á agilidade, presteza e cordialidade que lhes sobeja, esses que por a minha pessoa se sacrificaram promptos sempre a defendel-a, esses que para mim foram sempre uns amigos incausaveis d'estes que se lhes pôde dar bem acertadamente e sem receios o nome de amigos, esses com quem finalmente vivi e me familiarizei durante um tempo sem limites... lá ficaram igualmente sem que agora como d'antes unidos, possamos exprimir os nossos sentimentos.

Oh! que *souvenirs*!

Suspiro anheladamente por esses dias que foram incostavelmente o mais doce prazer da minh'alma.

A rapaziada amiga com quem a minha pessoa tinha intimas relações, os meus presadissimos confrades que sempre me trataram debaixo de uma linha recta, seria e digna, tudo para mim desapareceu!

Já não sinto o aconchego de seus corações; as phrases sinceras com que me mimoseavam e os folguedos que em nossos espiritos sempre prevaleciam!...

Tudo emfim... se esvaiu!...

Hoje d'esta olympica e pulchra villa onde com magia se destaca um bello e sorridentissimo rio que corre vertiginosamente n'um caminho latitudinario cheio d'encantos e prazeres, n'esta terra tão apreciada por todos os forasteiros que a cognominaram de linda e sorridente *princesa do Lima*, estou—dedicadissimos amigos e confrades—admirando vos!

Acabo de receber uma carta do meu muito presado amigo João de Sousa, director de este intrepido e ousado campeão, que desde a sua origem se tem mantido sempre com a mais recta orientação defendendo tenazmente os opprimidos.

Essa carta, que viva e nitidamente demonstra o caminho a seguir d'um jornal que com todas as veras d'alma se põe ao lado de uma classe seria, digna e honrada como é a dos empregados no commercio, relata no seu contheudo que a «Fraternidade» propõe-se traçar um caminho novo.

Um appoiada! A minha felicitação entusiastica e siucera, se dirige aos collegas d'este intrepido jornal.

Diz tambem que pretendem introduzir n'este jornal, melhoramentos materiaes, ao mesmo tempo que estabelecem a passagem da publicação quinzenal a trimensal ou semanal.

Este grande melhoramento, por todos nós ambicionado e pedido, já o expozeram em um dos numeros d'aquelle jornal. Mas não podem satisfazer os seus e nossos desejos sem o auxilio da classe. Portanto, collegas, correspondentes collaboradores e todos os mais que por este jornal se interessam, sacrificai-vos, em-

bora, um pouco, pois que é para nós um dever sacratisimo auxiliar a classe; e, muito principalmente auxiliar aquelles que, para nosso bem, estão prejudicando os seus interesses.

Assim cumprirei tambem o dever de os auxiliar, e fallo-lhe, sempre que possa, porque a «Fraternidade» merece todas as dedicações.

Ponte do Lima-12-6-906.

Magalhães Junior.

## IMPRESSÕES E ASPECTOS

## Um desforço

Meu caro João de Souza:

A *Fraternidade* chama-nos á ordem, á reconciliação e á paz, chama-nos á verdadeira fraternisação social: instiga-nos a abraçar o bem e a repudiar o mal; ateiar o fogo da razão e da verdade e extinguir o que é adulterado e corrupto, mas que é esse justamente o que se propaga com maior intensidade.

E' isto que eu penso e que até hoje tenho acatado com a consideração que me é peculiar, mas que n'este momento sou forçado a abandonar porque me conduziram para o outro campo.

A educação que recebi ordena-me ser respeitador e modesto, como está no uso dos meus costumes para com todo aquelle que tenha igual procedimento commigo. Porém, vejo-me affrontado por um imbecil a quem a estupidez iguala á falta de senso commum, e, por esse motivo, venho tirar um desforço, achando justo, usal-o por ser a isso obrigado, das mesmas armas de que o meu antagonista lançou mão, sem ter motivos para tal, mas com o intuito torpe e cobarde que lhe infesta todas as cavernas da sua alma de miseravel de querer rebaixar quem lhe está muito superior em dignidade, em accões e coherencia. Nada me surprehende porque as educações variam, e, muitas vezes, já pelo mau instincto d'aquelle que a recebe, não é tomada com todos os preceitos devidos, e, d'ahi, resulta fatalmente o degenerado que, mais tarde ou mais cedo, impuñará o sceptro do servandismo.

Mas, vamos ao assumpto principal: Tendo eu escripto algumas correspondencias para este jornal, e não parecendo razoaveis a um tal *Arlotte*, entendeu este fazer-lhes uma critica. Perfeitamente d'accordo, apesar de não o encontrar com competencia para tal, como isso deu a provar n'um escripto que mandou para a *Aurora do Lima* criticando os meus artigos com insultos que lhe pertencem. E' precisamente neste ultimo sentido que eu me dirijo porque, francamente, admitto uma critica mas feita debaixo das repas do bom senso da boa educação e da civilidade, justamente como é praxe entre pessoas que não desconhecem o valor de um insulto.

Ora o tal *Arlotte*, arvorado á ultima em critico, quando é certo que elle mesmo é criticado... nas suas criticas! desceu

a deitar mão d'esses elementos, sem se lembrar que vinha pôr em evidencia os seus rancores contra mim, não sabendo eu porque, proprios unicamente d'um canalha que toma por altivez a petulancia, por arrogancia a desfaçatez e por orgulho o pedantismo. Desceu a lançar mão d'esses meios, sem lhe passar pela ideia que vinha demonstrar claramente a sua falta de sentimentos e nobreza de caracter. Desceu, mas ficou chafurdando no lodaçal da ignominia!... Desceu, porque quiz mostrar o seu glorioso pseudonymo e satisfazer *vontadinhas*, de imbecil. Desceu, porque quiz mostrar o seu talento de inepto, corroborando com a grosseria! Desceu, e continua no charco infecto!...

Appareceu em publico como o vogabundo errante que esconde a cara pelas esquinas com vergonha de si mesmo.

Escondeu-se nas dobras do seu immortalissimo pseudonymo, porque se conheceu; viu que era indigno d'apparecer ante gente de seriedade; olhou-se, remirou-se e teve horror de si mesmo, pois desde as pontas dos pés aos extremos dos cabellos era uma postula ulcerada no seio da escoria da sociedade; desde a sua honra á dignidade encontrrou um vacuo onde predomina simplesmente a inveja e o o lio, a vileza e a perversidade, como disso estava repleto seu escripto, esse chorriho de bestialidades e servicias.

Todavia não são nem as suas dentadas, nem a sua baba de rafeiro hydrophobo que me attingem, porque a distancia que nos separa é bem longa em toda a extensão da palavra.

Deveria eu porventura responder categoricamente ás arrieiradas d'esse pelintra?

Não! e não, porque seria descer á baixaza do seu caracter o dar-lhe tal importancia; seria calcar a minha reputação o ligar merecimento a quem nunca o teve nem é susceptivel de o ter. Por isso a resposta de que é digno é esta:—repulsão e desprezo. Além d'isso, quando um cachorro surge de embuscada ao caminho por onde segue um pacifico transeunte no cumprimento d'um dever a querer-lhe embargar o passo, este repelle-o buscammente com a biqueira da sua bota, como sendo um bicho desprezivel e exposto aos escurneos, da plebe no pelourinho da irrisão, tendo gravado na frente o estigma do miseravel!

Arcos.

Joaquim Lima.

#### «Seguros e Finanças»

Recebemos a visita d'esta publicação lisbonense o n.º 5, que temos presente, é dedicado á companhia de Seguros de vida, *A Nacional*. Agradecemos.

#### «A Fraternidade»

O grande atraso com que sahio o nosso ultimo n.º motivou, tambem, que o presente n.º sahisse tarde; do que pedimos desculpa a todos os nossos amigos.

## CARTA DO PORTO

A' ultima hora

### A grande comissão do descanso dominical

Acabo de saber que esta importante comissão á qual preside o nosso presado amigo sr. Antonio Luiz da Fonseca, digno delegado da associação Commercial, reúne na proxima quinta-feira 20 do corrente.

Das resoluções que se tomarem informarei os leitores de «A Fraternidade» mas d'esde já lhes posso garantir que a camara municipal *não quer*, baseada no Codigo administrativo, legislar sobre o descanso; mas prometteu patrocinar qualquer representação que a comissão entenda dirigir ao governo n'este sentido.

A Grande Comissão do Descanso que, como se sabe, é formada por delegados das principaes corporações que no Porto representam o elemento commercial, classe onde o franquismo e o descanso dominical tem muitos adeptos e valiosos, facilmente conseguirá ser atendida se o governo franquista se conservar no poder, isto é, se houver estabilidade ministerial, tudo nos leva a crêr que a lei será decretada e que no proximo discurso da corôa o sr. João Franco se comprometta perante a nação, como fez Maura em Hespanha, a adoptar sobre o descanso qualquer medida legislativa.

Todos os amigos da civilização do progresso e da liberdade applaudirão, sem duvida, tal medida que constituirá para o sr. João Franco ou qualquer outro qualq er estadista que a execute um dos maiores padrões de gloria pois que tal lei assim como a instrucção popular são consideradas em Inglaterra como uma das principaes posses do seu engrandecimento e poderio.

19—6—906.

Baptista Junior.

N. da R.—Como não tenhamos recebido do do nosso presado amigo Baptista Junior, noticias da reunião a que se refere, publicamos a seguir, extrahido de «O Norte» o extracto da sessão da Grande Commissão do descanso dominical.

#### Descanso dominical

Na séde da União dos Empregados de Commercio reuniu a grande comissão do descanso dominical, sob a presidencia do delegado da Associação Commercial do Porto, sr. Antonio Luiz da Fonseca, secretariado pelo delegado do Athenen Commercial do Porto, sr. José da Silva Reis, e pelo sr. Alfredo Moreira Rocha Brito. Estavam tambem presentes os dois delegados do Club Fenianos Portuense, o da Associação Commercial dos Revendedores de Viveres e o da União dos Empregados de Commercio.

Não poderam comparecer, por justificados motivos, os delegados do Centro Commercial e Gremio Commercial.

O sr. presidente deu conta de que a comissão nomeada na ultima reunião, para inquirir do sr. presidente da camara se ha-

veria possibilidade de se estabelecer o descanso dominical por meio d'uma postura camara, havia conferenciado com o sr. João Baptista de Lima Junior, e que este informou não estava alçada na camara municipal o estabelecimento de tal postura.

Por tal motivo e para a grande comissão tomar uma resolução definitiva sobre o fim para que se havia constituido, ficou deliberado, depois de larga discussão, que a União elaborasse uma representação para ser entregue ao governo e que essa representação, depois de approvada pelas direcções das collectidades que enviaram delegados á grande comissão, fosse assignada por todos estes e entregue pessoalmente ao presidente do conselho de ministros por uma comissão delegada da grande comissão.

Tambem ficou resolvido que no acto da entrega se instasse junto do sr. João Franco, para que no futuro discurso da corôa seja consignada a promessa de que se estabelecerá uma lei sobre o descanso dominical, e que se solitasse da camara municipal e do governador civil do districto o seu apoio em defeza da sausa dos caixeiros.

Deliberou-se mais que se lemtrasse á direcção da União a conveniencia de se agitar a classe em todo o paiz, interessando-a na magna questão do descanso dominical, e bem assim que se obtenha das associações da provincia, tanto de caixeiros como de patrões, que representem por sua vez ao governo a pedir-lhe a promulgação de uma lei que torne obrigatorio o descanso semanal.

Depois de terminada a sessão, reuniu o conselho director da União dos Empregados do Commercio, com a comparencia do sr. Antonio Martins, delegado da União á grande comissão, que expoz minuciosamente o que acima referimos.

A direcção da União mostrou-se de commum accordo com as resoluções tomadas, inclinando, em seguida, a execução d'essas deliberações.

### Para requisitar

«Na quarta-feira ultima, realisou-se uma conferencia entre o chefe do governo e os srs. dr. Carlos Lopes e Fausto de Figueiredo, presidente da direcção do centro Regenerador-Liberal «Carlos Lopes», tratando entre outros assumptos, do descanso dominical. O sr. dr. Carlos Lopes prometteu no caso de ser eleito, apresentar na proxima sessão parlamentar um projecto de lei sobre o assumpto, projecto que o governo patrocinará, como foi dito pelo sr. João Franco.»

(Telegramma de Lisboa, para o *Jornal de Noticias*, do Porto, de 24 de junho).

## O NOSSO REGISTO

Casamento.—Com a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Lucinda dos Anjos Dias, casou-se ha dias em Lisboa o nosso antigo collaborador, amigo, sr. Antonio Barra.

Com as nossas felicitações, vai o desejo de que o futuro lhes seja de muitas felicidades.

## Correspondencias

### Vendas Novas, 23

E' hoje a primeira vez que a minha humilde penna escreve para as columnas d'este sympathico jornal; e, começando as minhas correspondencias, vou descrever o que foram as festas do dia 14 do corrente. para os caixeiros de Vendas Novas.

Festejava-se o 1.º anniversario do encerramento ás quintas-feiras.

Festejava-se o dia em que faz um anno que os caixeiros de Vendas Novas obtiveram uma minima parcella das regalias a que tem jus. Dia de festa!

A's 5 horas da manhã e ao som de uma salva de morteiros e de ferneticos vivas aos commerciantes de Vendas Novas, foi içada a bandeira do grupo.

E, em seguida todos nos encaminhamos para os nossos labores, até que soassem 10 horas.

Então os directores do nosso grupo, acompanhados pela banda do grupo Triumpho 1.º de Janeiro, encaminham-se para a estação; e, até, aguardam a chegada dos delegados de Lisboa e Setubal.

Após poucos momentos de espera, chega o comboio que conduzia os sympathicos collegas.

Eram elles; Julio Silva, representando a associação dos caixeiros de Lisboa; José Agostinho Paula, representando a associação dos empregados de commercio de Setubal; e Raul Pires e Alfredo Luiz da Costa, representando o jornal «O Caixeiro».

Apenas estes collegas apparecem ás portas da carruagem, a banda executa o *hymno do caixeiro*, até que se trocam os cumprimentos d'estylo.

Em seguida organisa-se o cortejo em direcção ao nosso grupo, não cessando, de parte a parte, durante o precurso, as retribuições de sympathia.

Chegados á séde do grupo, alguns membros de direcção acompanham os referidos delegados ao almoço enquanto outros acompanham a banda á sua sociedade.

A's 3 horas da tarde já a sala das sessões se achava repleta de collegas, e muito povo que se aglomera em frente da séde do grupo.

A sessão *solemne e inauguração do estandarte*.

A sessão foi aberta ás 3 1/2 horas da tarde, presidida pelo collega Augusto da Conceição Carrilho, e secretariado pelos collegas Francisco Salvado Maia e Antonio da Silva Martins.

O presidente abre a sessão e offerece a presidencia a Julio Silva, que é recebido com uma grandiosa salva de palmas e vivas ao seu nome.

Julio Silva agradece a manifestação da assembleia e nomeia para o secretariadoem Augusto Carrilho e Agostinho Paula, sendo estes recebidos com uma grande salva de palmas.

Julio Silva, continuando no uso da palavra, tem phrases de incitamento e de elogio para os caixeiros de Vendas Novas.

N'esta sessão falaram ainda os collegas Augusto Carrilho,

Agostinho Paulo, e Salvado Maia, e ainda Raul Pires e Julio Silva sendo todos muito applaudidos.

E assim é encerrada a sessão solenne no meio de grande entusiasmo e de calorosos vivas.

Eram 5 horas da tarde.

Em seguida é distribuido um bôdo a 15 pobres que constou de pão, carne, arroz, batatas e dinheiro.

Durante a distribuição a banda executou o *hymno do caixeiro*.

Finda a distribuição do bôdo, os caixeiros, acompanhados da banda do Grupo Triunpho, foram visitar todos os commerciantes, agradecendo-lhes a maneira honrosa como tem cumprido a sua palavra, encerrando os seus estabelecimentos ás quintas-feiras.

Em casa do commerciante sr. Manoel Figueiredo Lopes foi-nos offerecido um lauto copo d'agua, sendo offerecido n'esta occasião pelo presidente do Grupo á ex.<sup>ma</sup> familia Figueiredo um lindo ramo de flôres artificiaes, como simples recordação. Tinha o ramo duas fitas de seda azul e branca, com a seguinte dedicatória, a letras douradas:

A' ex.<sup>ma</sup> familia Figueiredo—  
offerecem os empregados no commercio de Vendas Novas.

O presidente em nome dos seus collegas vendanovenses agradeceu ás gentis filhas do sr. Figueiredo a captivante gentileza de terem bordado o estandarte, a que, elle presidente e todos os seus collegas, protestam jámais olvidar a sua extrema gratidão.

Brindaram ainda Julio Silva e Raul Pires, sendo levantados muitos e calorosos vivas á familia Figueiredo, que foram vivamente correspondidos.

Em casa do sr. Conceição Almeida tambem fomos surpreendidos com um dedicado copo d'agua.

Por algumas das ruas percorridas as senhoras lançavam flores sobre o estandarte.

Findo os cumprimentos, realisou-se no Hotel Mattos um copo d'agua offerecido pelos caixeiros aos philarmonicos que com tanta dedicação e amabilidade nos obsequiaram.

Trocaram-se differentes brindes.

Findo o copo d'agua, todos nos pozemos em marcha, indo acompanhar á estação Julio Silva e José Agostinho Paula, que retiraram no comboio das 8 horas.

Durante o percurso e na estação as manifestações de sympathia aos dois collegas não cessavam, e na estação todos os collegas foram levantados em triumpho.

No comboio, Agostinho Paula e Julio Silva ainda propheriram phrases de agradecimento, affirmando este ultimo que não esquecerá as promessas que fizera.

A segunda sessão solenne:—  
inauguração da Bibliotheca—A's 10 horas da noite, teve logar a sessão solenne de inauguração da bibliotheca.

Augusto Carrilho convida Raul Pires para presidir e este escolhe-o a elle e a Salvado Maria para secretarios.

E' lido um telegramma da associação de Setubal, assignado pelos nossos collegas Joaquim Brandão e Luiz Silveira, associando-se á nossa festa.

N'esta sessão falaram os collegas Augusto Carrilho, Salvado Maia, e Alfredo Luiz da Costa, que foram muito applaudidos.

Fala ainda Raul Pires, discursando brilhantemente sobre a instrucção, recebendo no final do seu discurso uma grandiosa salva de palmas.

Em nome da ex.<sup>ma</sup> familia Figueiredo o collega Salvado Maia offereceu ao Grupo dos empregados no commercio um lindo quadro com aa photographias dos directores e ainda um lindo «bouquet» de flores artificiaes com um laço de seda azul e branco, franjado a ouro, sendo o laço collocado no estandarte.

Foi encerrada a sessão no meio de grande entusiasmo,

Eram 11 horas e 16 minutos. Começou depois o baile que decorreu animadissimo até ás 3 1/2 horas da noite, hora a que retiraram os collegas, Alfredo Costa e Raul Dores. Eis o pequeno resumo do que foram as festas em Vendas Novas.

F. Maia.

## PENSAMENTOS

Secção privativa de «Salóo».

*O alcool é tão prejudicial para os corpos vivos, como util para os mortos.*

*A união fortifica a vontade.*

*Caixeiros:—quereis ver realisado o vosso sonho doirado? Univos e, n'um brado unisono, pedi liberdade.*

*O descanso para quem trabalha, é tão preciso como o alimento.*

*O mendigo passa a vida em busca da caridade.*

*A saudade apparece quando se recordam os momentos felizes da vida.*

*A educação é o Evangelho da alma, que a torna grande e santa.*

*Ha mães que castigam os filhos, impondo-se pelo rigor. Ha outras que os reprehendem chorando.*

*—Quaes d'estas obterão melhores resultados?*

### Pequenas dividas

Mais uma vez o commercio foi pedir ao governo uma lei simplificadorá do processo para cobrança de pequenas dividas.

Nada mais urgente se torna do que esta providencia para o commercio retalista, victima continua dos seus pequenos devedores, que não pôde demandar vista a carestia da actual fórma de processos, que em dividas menores de 50\$000 réis não é possível cobrar judicialmente.

## Eccos da quinzena

### Escola Pratica Commercial

Recebemos o programma de ensino e estatutos d'esta escola, dirigida pelo conhecido professor snr. Raul Doria.

E' a primeira e unica escola do reino que se acha montada com todo o rigor da pratica commercial, locionando-se n'ella as materias seguintes:

Portuguez, Francez, Allemão, Geographia, Historia, Escripção commercial (prática em escriptorio), Economia politica, Calligraphia Stenographia, (escripta rapida), Dactilographia (escripta á machina), Direito commercial, Sciencias naturaes, Calculo commercial (financeiro) e Materias primas.

Curso elementar. Curso medio ou de guarda-livros. Curso complementar ou de contabilidade financeira. Cursos commerciaes para Senhoras. Cursos nocturnos e cursos diversos.

Pelo que presenciamos da rapida leitura das exposições feitas em diversos folhetos que acompanham o programma e estatutos, estamos já inleirados do muito que aproveitam os alumnos da escola, que, para seus estudos praticos, tem dentro do edificio 5 casas de commercio, sendo, por isso, rapido o ensino, além de moderno e muito pratico.

A enorme escassez d'espaco com que sempre luclamos faz com que limitemos ao exposto a impressão que nos deixou a apressada leitura dos folhetos e programma referido:—mas não deixamos de prometter para occasião oportuna referencias mais amplas.

Recomendando esta escola a todos quantos queiram ser guarda-livros dipomados felicitamos

### Falta d'espaco

Por esta razão, fica de fóra bastante original.

## ECCOS

### O que pôde o dinheiro

O *Daily Mail* publica uma interessantissima informação do seu correspondente no Mexico. Trata-se d'um millionario que se offereceu para pagar a dívida publica mexicana.

Esta dívida eleva-se a perto de 75 milhões. O homem extraordinario que fez este espantoso offerecimento chama-se D. Pedro Alvarado. Começou a vida humildemente trabalhando em minas e conseguiu, com talento e tenacidade, chegar a ser um dos grandes capitalistas do mundo.

D. Pedro Alvarado é hoje pro-

prietario da mina d'ouro chamada *La Palmilla*, que lhe produz uma renda annual de 50 milhões.

Em Singapura, na India, Alem-Ganges, as auctoridades inglezas prenderam um passageiro, que tinha sido conduzido por um paquete francez, por ter tirado photographias do porto, e condemnaram-no a uma grande multa.

Se a nossa policia prendesse quem anda por ahi a tirar photographias, meia Lisboa estava no Limoeiro.

### O balão e a locomotiva

Um despacho em Berlim, publicado em Londres, noticia o seguinte:

Compete ao sr. Thomson, aeronauta inglez a honra da primeira collição entre um balão e um comboio.

No dia 19 o aerenauta em questão realisava uma ascensão em Aix-la-Chapelle. Partira do parque zoologico em presença de alguns milhares de espectadores. Golpes de vento violentos arrastavam rapidamente o balão. Produziu-se uma fuga de gaz e breve Thomson perdia todo o governo do seu navio aereo.

O globo descia então sobre a linha do caminho de ferro que vae de Colonia a Herbesthal. Quando o barquinha se aproximava do solo, abalroou violentamente com o comboio que passava e voltou-se.

O aereonauta ficou ferido. Este accidente é unico nos annaes da navegação aerea

### As mulheres do rei Sisowath

Um protocolo tradicional prescreve ao rei de Cambodge unir-se a cem mulheres pelo menos!

O rei reinante tem cinco categorias de mulheres: tres «rainhas», que elle distinguio entre princezas mais proximamente apparettadas com o throno, pelo seu nascimento—e mais de cem donzellas da familia real, filhas de ministros, filhas de conselheiros de estado e governadores de provincia, e ainda as «esposas inferiores», recrutadas entrê o povo, o que prova que as raparigas do povo, em Cambodge, como nos velhos contos, podem aspirar a tudo. Para a guarda das suas mulheres ha «velhas damas», viuvas de bom nascimeto, admitidas n'este mister, com a categoria de ministros! Todas as mulheres tem direito ao titulo geral de «princezas».

Decididamente isto por cá anda muito atrazado. Ninguém pôde ter mais que uma mulher, sob pena de lhe cair em cima e dos lados a opinião publica, que ás vezes é bem deshonesta.

Parece que o ideal de uma dama d'aquellas paragens será tornar-se «rainha» ou pelo menos «princeza», mas o actual rei de Cambodge é tão feio, tão horrendo que não tem os logares das cem todos preenchidos. Já não ha quem queira ser «rainha».

Nos «Grandes Armazens de Fazendas de Aurelio Ramos», encontra-se á venda variadissima colleção de tecidos proprios para verão, como cassas, «voils», cotins, alpacas para fatos d'homem e vestidos de senhora, etc. etc.

Preços sem competencia.

## “A FRATERNIDADE”

Orgão dos caixeiros e do commercio em geral

BARCELLOS

Ca. mo Lus.